

## **ARTESANATO: LUTA, RESISTÊNCIA E ARTE CONTRA O RACISMO**

Maria Escarlata Pereira  
Juliana Soares  
Amanda Motta Castro (orientadora)

*Universidade Federal do Rio Grande/FURG*

**Resumo:** Este texto tem como objetivo principal fazer um relato de experiência sobre nosso trabalho com o artesanato. A ideia do projeto de criar peças com mulheres negras nasceu especificamente de um grupo de amigas negras militantes dos movimentos sociais com assuntos relacionados à negritude. Em uma conversa aberta, começamos a debater a pauta que se relaciona à mulher negra, já que é a realidade que vivenciamos no nosso cotidiano. Logo, o artesanato tornou-se importante e indispensável pela necessidade que se tem de manter viva a nossa história de resistência. Nós, mulheres negras, queremos manter esta essência de luta, resistência e criação viva. Devido a estes fatores é que devemos, queremos fazer e divulgar através do artesanato a nossa luta e resistência. Queremos resistir e podemos gerar emprego e renda através do nosso trabalho artesanal, possibilitando a projeção de esperança, portanto de possibilidades de reinvenção do cotidiano e do coletivo.

**Palavras-chave:** Discriminação, Mulheres negras, Artesanato e Resistência.

### **INTRODUÇÃO**

*Na minha mente eu vejo uma linha. E além dessa linha vejo campos verdes e flores adoráveis e lindas mulheres brancas com braços estendidos para mim, além da linha, mas não consigo chegar lá de modo algum, não consigo passar da linha. Harriet Tubamn disse isso por volta de 1800. Deixe-me contar uma coisa: a única coisa que separa mulheres negras de outra coisa é oportunidade. Não podemos vencer com papéis que não existem. Discurso de Viola Davis no Emmy 2015<sup>1</sup>*

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 54 % da população brasileira é composta por negros ou pardos. Da totalidade da população negra, 27% são mulheres. Dentro desta perspectiva, deveríamos estar ocupando mais espaço nos locais de trabalho.

Podemos analisar ainda melhor essa desigualdade quando tratamos especificamente da mulher negra. A discriminação da mulher negra é visivelmente

---

<sup>1</sup> Discurso de Viola Davis no Emmy 2015 disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e0M6Zn2UDQA>

marcada no mercado de trabalho. Quando lhe é concedida uma vaga de trabalho, tal vaga geralmente é para trabalhos relacionados à limpeza, mais mal remunerados, ligados ao cuidado e de “extensão do trabalho doméstico”, os quais socialmente são tidos como menos “importantes” na escala da sociedade de classe, como podemos ver nas imagens logo abaixo:

Profissão: doméstica



Fonte: AMNB – Articulação de Mulheres Negras Brasileiras

Seguindo nessa mesma linha, podemos ver que nós, mulheres negras, estamos ocupando na maioria das vezes essas vagas de trabalho em serviços domésticos, muitas vezes informalmente, com longas jornadas de trabalho, o que nos impossibilita a oportunidade de poder estudar, e de poder ascender profissionalmente.

Escolaridade de mulheres negras



Fonte: AMNB – Articulação de Mulheres Negras Brasileiras

Na sociedade patriarcal, classista e racista em que vivemos, vemos pouco a mulher como protagonista. Se a sociedade torna a vida das mulheres difícil, podemos imaginar que é bem pior para a mulher negra. Para estas, as oportunidades na maioria das vezes passam longe. Pode-se se dizer que são quase inexistentes.

As mulheres negras, por mais que se esforcem para se destacarem e serem vistas

perante a sociedade, dificilmente serão citadas ou vistas em destaque.

Hoje podemos perceber que isso se deve à maneira pela qual fomos criadas e educadas para sermos submissas: primeiramente, no âmbito familiar, ao pai; sucessivamente, como esposa, ao marido, e a lógica se estende ao patrão, no âmbito do trabalho.

Muitas de nós mulheres ainda não conseguiram sair desse processo de inércia e tomar as rédeas de suas próprias vidas. É um processo que varia de mulher para mulher, até porque somos únicas, e devemos respeitar o limite de cada uma. Mas é de suma importância que também se dê suporte e oportunidades para que isso aconteça, conscientizando de que se nós não o fizermos ninguém o fará por nós. Uma luta árdua e constante, mas que se faz necessária.

### **AUSÊNCIA DE REFERÊNCIA DA NOSSA IMAGEM**

Com o passar do tempo, nossa capacidade de observar também foi se desenvolvendo. E, apesar de acharmos a discriminação que sofremos um absurdo, podemos ver que somos resultado dessa sociedade embranquecida, que, de certo modo, nos deixa meio anestesiadas, fazendo com que pensemos que tudo é normal.

É incrível a maneira pela qual o próprio sistema nos manipula: lembramos de nós, ainda crianças, e das bonecas velhas que ganhávamos das crianças vizinhas que não queriam mais fazer uso das mesmas, porque realmente já estava na hora de descartar. E acabavam por descartar nas nossas casas. Ficávamos felizes, radiantes e agradecidas. Até aí, tudo bem, éramos crianças e só queríamos brincar.

Mas há pouco tempo conversávamos sobre o quanto nós queríamos ser como aquelas bonecas: brancas, cabelos compridos e olhos claros. Porque se fôssemos assim, automaticamente estaríamos no padrão de beleza que a sociedade exige e seríamos mais aceitas.

Infelizmente fomos nos dar por conta disso só com o passar do tempo.

Essa negação que tínhamos com a nossa própria raça se deve à falta de nossa imagem em tudo o que nos rodeava. E não nos referimos só à boneca, mas a várias outras coisas: Na escola, nunca tivemos docentes negros(as). Na maior parte das vezes, chegávamos a ser as únicas negras entre os nossos colegas de classe. Além disso, os materiais escolares eram todos com crianças brancas de olhos claros.

Na nossa comunidade quilombola, tirando os quilombolas que nela moravam, a

população negra era quase inexistente na redondeza. Na igreja em que frequentávamos, até a nossa senhora Aparecida, que, segundo o conhecimento popular, dizem que é negra, foi nos apresentada como branca. E os meios de comunicação não fugiriam à regra: as protagonistas eram brancas, bem como a maioria dos atores e atrizes da televisão que assistimos.

E no que dizia respeito à moda, não poderia ser diferente. As roupas eram confeccionadas para modelos de pele clara, e outra vez a pele negra era obrigada a usar o que o sistema comercial e midiático oferecia. O que sentimos e que aqui estamos tentando sistematizar é que é muito desagradável se sentir fora do contexto, de nunca estar em evidência. Deste modo, fica difícil de sentir motivado quando não temos em que ou em quem nos inspirar.

Atualmente, o comércio da região sul ainda oferece muito pouca alternativa de escolha: são mais ou menos três ou quatro exemplares de tecidos para escolha em loja de grande porte para confecção de artesanato ou roupa. Assim, temos que novamente nos adaptar ao que o sistema oferece, conforme Bento:

A violência racial constitui uma constante ataque à identidade e subjetividades dos excluídos, por meio da veiculação de um discurso que estabelece o padrão cultural dominante, capitalista, branco e andrógino, ao qual a população negra é constantemente pressionada a se adaptar e moldar (2002,p.44)

A situação da mulher negra no Brasil hoje se manifesta, com poucas mudanças, como um prolongamento da realidade vivida no período da escravidão, pois ela continua em último lugar na escala social, é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta o menor índice de escolaridade e trabalha mais, porém, com rendimento menor. E as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial (SILVA,2003).

Além disso, ressaltamos as palavras de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*: “a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar’”(p. 71-72). É impressionante como os escritos de Freyre, publicados em 1933, nos parecem extremamente atuais.

## **ENTRADA NA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DAS POLITICAS AFIRMATIVAS**

Atualmente, somos muitas espalhadas pelas universidades Brasil afora. Da mesma forma como muitas já se formaram, outras infelizmente não conseguiram se formar. Se nunca foi fácil para as mulheres, para mulheres negras, então, é muito pior. Somos questionadas e obrigadas a provar nossa capacidade a todo o momento. Muitas mulheres negras só conseguem iniciar a graduação alguns anos após o término do ensino médio, após o EJA. Ou muitas de nós tiveram acesso a uma educação básica precária. Além disso, falta intimidade com as novas tecnologias e culturas diferentes, a falta de compreensão dos companheiros, o excesso de atribuições.

Tudo isso faz com que nós, muitas vezes, nos sintamos diminuídas diante dos demais, que passaram por realidades totalmente diferentes das nossas. Sem falar que as mulheres são peça-chave na composição da renda familiar, ou então sustentam suas famílias sozinhas. E estes são alguns dos grandes motivos tanto pelo não acesso quanto pela evasão nas universidades.

Por isso, a importância de políticas afirmativas que permitam o nosso acesso e garantam a nossa permanência, porque as políticas foram criadas com intuito acabar com a exclusão social de pessoas que sofrem qualquer discriminação, estimular a participação política de grupos sociais considerados minoria, através de recursos ou outros benefícios, com a intenção de romper processos históricos de discriminação que ainda hoje estão vivos na nossa sociedade.

“Ainda hoje, o negro é apresentado em muitos bancos escolares como o “objeto escravo”, sem passado, passivo, inferiorizado, desconfigurado, desprovido de cultura saberes e conhecimentos. É como se o negro não tivesse participado de outras relações sociais que não fossem a escravidão (BRANDÃO, 2007, p.28)

Porém, com a implementação das ações afirmativas, surgiram formas de reação. De um lado, serviu para exaltar os ânimos dos racistas que estavam camuflados, de forma a saírem manifestando seu ódio e amedrontando os brancos que estavam se sentindo os “donos” das universidades. Por esse motivo, temos sempre que retomar a questão das cotas e as formas de ingresso na universidade:

“As cotas não serão gratuitamente distribuídas ou sorteadas

como imaginam os defensores da “justiça”, da “excelência” e do “mérito”. Os alunos que pleitearem o ingresso na universidade pública por cotas, submeter-se-ão às mesmas provas de vestibular que outros candidatos e serão avaliados como qualquer outro estudante, de acordo com a nota de aprovação prevista” (MUNANGA, 2003, p. 127)

Não é fácil ser negra dentro da universidade, muito menos ser negra pertencente a um Movimento social, negra que se posiciona, que defende uma causa, que não aceita ser diminuída, que conhece um pouco da sua real história. Não é fácil ser eu mesma dentro da universidade, não é fácil perceber olhares de exclusão, responder perguntas racistas com educação quando sua vontade é outra... Mas estas mesmas dificuldades, que me chateiam, me brindam com forças para continuar.

Mas eu, como negra mulher quilombola, prefiro focar no lado bom, no lado das transformações. Sim, porque foi isso que ocorreu na minha vida, e acredito que na vida de muitas pessoas a partir do ingresso na universidade, por estarem abertas para absorver o conhecimento, descobrirem muitas coisas novas, conviverem com pessoas de diferentes culturas, perceberem que existe um mundo além daquela rotina vivida antes da vida acadêmica.

Descobrir autoras e autores de diversas áreas encontrar-se consigo mesma em meio a um livro ou filme, apurar forças, mesmo quando parece que não dá mais, dormir tarde ou nem dormir, envolver toda a família na execução dos trabalhos, sentir-se dono(a) da própria vida. Esta é a transformação que está ocorrendo em mim, e com certeza virão mais transformações a curto e longo prazo.

Considero de suma importância a presença das mulheres negras nas universidades. E, mais do isso, é importante que as mulheres tomem conhecimento da existência destas oportunidades. Aqui retomo as palavras da autora Matilde Ribeiro, quando ela escreve sobre cotas raciais no Brasil:

O caminho apresenta-se como promissor, a abolição é inacabada, mas podemos desenhar um futuro inclusivo. Espera-se a efetivação cada vez mais de diálogos críticos e ações conjuntas entre os diversos setores da sociedade civil, e destes com os governos, com a academia, com os órgãos multilaterais, entre outros. Com essa dinâmica é possível estabelecer parâmetros de análise mais próximos da realidade

e, frequentemente, remodelar a prática institucional. (Ribeiro, 2008)

Logo, as políticas afirmativas não servem simplesmente para formar negras, mas também para que estas negras que ingressarem nas universidades possam absorver diferente saberes e tomar as rédeas de suas vidas, soltando-se das amarras do sistema que dita e que limita. E, a partir disso, se tornarem sujeitas de direito, servir de exemplo e unir as forças.

### **SURGIMENTO DA IDEIA**

Especificamente a ideia do projeto de realizar um artesanato como resistência para o reconhecimento da arte e beleza da mulher negra nasceu de um grupo de amigas negras militantes dos movimentos sociais com assuntos relacionados à negritude.

Certo dia, assim como tantos outros em que nos encontramos para conversar sobre o que está acontecendo nas atualidades, começamos a debater a pauta que se relaciona à mulher negra, já que vivenciamos diariamente, no nosso cotidiano, e do quão difícil é para se inserir no mercado de trabalho, como sempre foi e continua sendo até os dias atuais.

Nós, mulheres negras, carregamos dois fardos negativos perante a sociedade discriminadora em que vivemos: Ser mulher e ser negra! Sendo assim, sofremos uma dupla discriminação, a do sexismo e a do racismo, porque, na maioria das vezes em que saímos à procura de trabalho, são os trabalhos domésticos que nos são ofertados e o que os brancos preferem não trabalhar. Sequer analisam nosso currículo, pois, quando veem nossa cor, automaticamente já sabem o cargo que devemos ocupar como já foi citado anteriormente. É triste esta constatação, porém, mais do que triste, ela é verídica.

Sob a pressão deste contexto em que vivemos, sentimos a necessidade de fazermos algo para que pudéssemos sair dessa invisibilidade, e que também contribuísse no aspecto cultural e na formação das futuras crianças negras.

Depois do amadurecimento da ideia, chegamos à conclusão que deveria de ser algo que, além de valorizar a mulher negra, seria uma forma de embate a essa sociedade capitalista e racista que sempre nos invisibilizou e nos silenciou, como se não tivéssemos valor, e que relacionou a nós tudo o que é feio:

No processo de resistir, o primeiro movimento parece ser o

rompimento do silêncio, quando o narrador conta sua história de dor e violência. A partir dessa troca, já que o contar de sua própria história implica sempre uma audiência, é possível a reconstrução da própria história, a partir de cacos do passado. Falando sobre a discriminação e submissão, as mulheres percebem o quanto elas lutam e puderam se orgulhar de si mesmas na identidade negra. (OLIVEIRA, 2009 p 01)

Foi então que surgiu a ideia de se trabalhar com artesanato, pois não precisaríamos da aprovação imediata e teríamos a oportunidade de poder provar que só não é vendável nossa imagem porque nossas imagens não estão ali pra serem compradas. Mas não seria um simples artesanato, queríamos fazer algo diferente, contemplando nossas raízes, conscientizando nosso povo e valorizando nossa cultura.

### **ARTESANATO COMO RESISTÊNCIA**

O artesanato tornou-se importante e necessário pela necessidade que se tem de manter viva a nossa história: desde a nossa chegada ao Brasil, de forma escravagista, até a nossa forma resistência na arte e na nossa religiosidade e costumes, expressada através da arte.

Nós, mulheres negras, queremos manter esta essência viva, nós especificamente estamos trabalhando com a confecção de bolsas e customização de camisetas. Todas possuem estampadas imagens de mulheres e também homens negros e de ícones importantes que fizeram ou fazem parte da luta contra o racismo e pelo o direito de igualdade.

Usa-se também frases reflexivas, para instigar quem as leia. Enaltecemos também nossos grandes líderes que doaram parte de sua vida ou até mesmo a sua própria vida para a construção de um Brasil e/ou um mundo menos racista. Personalidades do passado e do presente são citadas, tais como: Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Nelson Mandela, Martin Luther King, Nina Simone, Ângela Davis, Bob Marley, dentre outros tantos, na intenção de que os nossos sucessores tenham conhecimento da nossa cultura. É importante que nossa cultura seja identificada e vista nas ruas, sendo ela em forma de estátua ou até mesmo em um banner exposto nas escolas, e ou qualquer outro espaço público, para que todos tenham conhecimento, independente da etnia com a qual se identificam.

É comum que se veja figuras expressivas de outras etnias através de artes e pratos típicos e atividades festivas, mas quando se refere às atividades originárias de

Quilombolas, em determinados locais já são mais restritas as possibilidades de representação. Devido a estes fatores é que devemos e queremos fazer e divulgar ao mundo, através da arte, que queremos resistir sim! E, que futuramente seja possível gerar emprego e renda através do nosso trabalho artesanal.

Algumas imagens de nosso Artesanato:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de fazer o artesanato não envolve somente a sua confecção, com ele vem todo um significado em especial, envolvendo sentimentos na sua produção. Quando estamos confeccionando, sentimo-nos felizes por estarmos reunidas, socializando o nosso dia a dia, produtivas, porque tudo o que se faz com amor, com certeza rende mais. E também estamos realizadas, porque foi uma das muitas ideias que tivemos, só que com a diferença de que estamos colocando-a na prática. É estimulante podermos ver o resultado e, através dele, a nossa cultura seguir adiante. E, juntamente, estarmos suprindo uma lacuna que em nós ficou em aberto.

Não foi fácil chegar até aqui, mas, enfim, chegamos! Superamos muitos obstáculos, é gratificante poder ver no olhar das mulheres negras, e também no das não negras, a admiração pelo nosso trabalho. Já tivemos oportunidades de poder expor em diferentes lugares, juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande/FURG, que tem nos dado esse aporte, convidando-nos para expor nos eventos, bem como outras entidades da nossa cidade, como Economia Solidária, que é um departamento do setor público, que trabalha dando assistência a pequenos grupos.

Por fim, constatar que nosso principal objetivo está sendo alcançado através de nosso artesanato é maravilhoso, que nada mais é do que a conscientização e valorização da nossa cultura afro-brasileira.

O artesão se vê pressionado entre o desejo de criar, a expectativa de permanecer como guardião da tradição e a necessidade de reproduzir objetos facilmente comercializáveis. Frente a essas contradições, o artesanato pode se constituir imagens automaticamente históricas e não arcaicas; mantendo a relação entre o memorizado e seu lugar de emergência. Apontando para um espaço a projeção de esperança, portanto de possibilidades de reinvenção do cotidiano e do coletivo (CAMPOS, 2005).

Para encerrar, vamos deixar aqui alguns registros de onde tivemos oportunidade de expor, reafirmando, assim, a epígrafe deste texto: precisamos de oportunidades!!!

III Seminário Internacional de Educação do Campo – SIFEDOC – ERECHIM



Confecção do artesanato



Exposição no Seminário NÃO A MINERAÇÃO- Camping Municipal de São Lourenço do Sul



## REFERÊNCIAS

Bento, M.A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), Psicologia social do racismo (pp. 25-59). Petrópolis, RJ: Vozes.

Campos, L.J.(2005).Artesanato: resíduo elogiado ou possibilidade de crítica. Im Souza, E.L.A Seminário da Utopia, Arte e Psicanálise. Porto Alegre.

FREYRE, Gilberto Casa Grande & Senzala 50ª edição. Global, São Paulo, 2005.

Oliveira, Maria Luisa Pereira de. El Alt. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200014&lng=pt&nrm=iso) acessado em janeiro de 2016.

Rose, N. (2001). Inventando nossos eus. In T. T. Silva (Org.), Nunca fomos humanos: nos sentidos do sujeito (pp.137-205). Belo Horizonte: Autêntica.

SILVA. Maria Nilza da. A mulher negra: O preço de uma trajetória de sucesso.1999.

BRANDÃO, André Augusto. Cotas raciais no Brasil: A primeira avaliação. Rio de Janeiro: DP&A,2007

BRASIL, Relatório do Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra O Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/relatorio.htm>> acessado em janeiro de 2016.

MUNANGA, Kabengele. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e.; SILVERIO, Valter Roberto (org). Educação e Ações Afirmativas. São Paulo: Editora INEP, 2003.

Ribeiro, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000300017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300017&lng=pt&nrm=iso) > acessado em janeiro de 2016.